



# Medievalis

v. 11, n. 2 (2022)

## O estudo dos conectivos em português: diacronia e evolução linguística

| 24

Charleston de Carvalho Chaves<sup>1</sup>

**Resumo:** O estudo das conjunções apresenta um vasto campo de análises do ponto de vista evolutivo da língua portuguesa. Desde o latim, muitas conjunções deixaram de existir no português moderno, outras sofreram alterações e algumas são resultado da evolução de advérbios que assumiram a função de conectivos, reforçando ainda mais os critérios de mudança linguística. Por uma perspectiva funcionalista, é possível reconhecer que a análise de elementos linguísticos deve levar em consideração que suas funcionalidades emergem do discurso a partir de necessidades pragmático-discursivas e não apenas por princípios formais. Os pressupostos do Funcionalismo revelam que a gramática deve ser vista como uma estrutura maleável e a gramaticalização é um elemento teórico que ratifica isso. Forma e função são elementos que precisam ser analisados em consonância e não de forma isolada, já que revelam uma análise funcional sem desconsiderar o sistema da língua. Diversos conectivos possuem, em sua etimologia, características muito interessantes que ajudam a entender melhor não só os aspectos diacrônicos, mas também os usos sincrônicos desses elementos gramaticais. Por conta dessas e de outras propriedades, o estudo sobre os conectivos, neste presente trabalho, visa analisar os fenômenos evolutivos, partindo de uma avaliação pancrônica (porque ocorre tanto diacrônica como sincronicamente), para evidenciar como esses itens gramaticais passaram/passam a funcionar no português contemporâneo como elementos de ligação no discurso e com valores semânticos importantes na produção de sentido. Escolhemos, em um universo com diversas aplicabilidades discursivas, o estudo dos conectivos que compõem o eixo causativo-consecutivo.

**Resumén:** El estudio de las conjunciones presenta un vasto campo de análisis desde el punto de vista evolutivo de la lengua portuguesa. Desde el latín, muchas conjunciones han dejado de existir en el portugués moderno, otras han sufrido cambios y algunas son el resultado de la evolución de adverbios que asumieron la función de conectivos, reforzando aún más los criterios de cambio lingüístico. Desde una perspectiva funcionalista, es posible reconocer que el análisis de los elementos lingüísticos debe tener en cuenta que sus funcionalidades emergen del discurso a partir de necesidades pragmático-discursivas y no solo de principios formales. Los presupuestos del Funcionalismo revelan que la gramática debe ser vista como una estructura maleable y la gramaticalización es un elemento teórico que lo ratifica. Forma y función son elementos que requieren ser analizados en consonancia y no aisladamente, ya que revelan un análisis funcional sin prescindir del sistema lingüístico. Varios conectivos tienen, en su etimología, características muy interesantes que ayudan a comprender mejor no solo los aspectos diacrónicos, sino también los usos sincrónicos de estos elementos gramaticales. Por estas y otras propiedades, el estudio de los conectivos, en el presente trabajo, tiene como objetivo analizar los fenómenos evolutivos, a partir de una evaluación pancrónica (porque ocurre tanto diacrónica como sincrónicamente), para mostrar cómo estos elementos gramaticales pasan/comienzan a funcionar en el portugués contemporáneo como elementos de conexión en el discurso y con importantes valores semánticos en la producción de sentido. Optamos, en un universo de variada aplicabilidad discursiva, por el estudio de los conectivos que componen los ejes causativo-consecutivo y oposicional.

**Palavras-chave:** conectivos, diacronia, texto, latim, língua portuguesa.

**Palabras clave:** conectivos, diacronía, texto, latín, lengua portuguesa.

<sup>1</sup> Doutor em Língua Portuguesa. Prof. Adjunto em Língua Portuguesa na UERJ.  
<http://lattes.cnpq.br/4607106719006663>  
E-mail: [charlestonchaves@gmail.com](mailto:charlestonchaves@gmail.com)





## 1. Princípios do Funcionalismo: a gramaticalização

Por uma perspectiva funcionalista, é possível reconhecer que a análise de elementos linguísticos deve levar em consideração que suas funcionalidades emergem do discurso a partir de necessidades pragmático-discursivas e não apenas de princípios formais. Isso mostra que critérios formais são importantes, mas sem desconsiderar que a língua muda e essa mudança muitas vezes é fruto de aspectos discursivos como ocorre com o uso dos conectivos. Os princípios do Funcionalismo revelam que a gramática deve ser vista como uma estrutura maleável e a gramaticalização é um elemento teórico que ratifica isso.

Henriques (2011a: 4) afirma que, em relação às manifestações discursivas, as estruturas da língua se constituem nos discursos, mas que também a estrutura influencia nas realizações discursivas:

(...)A razão é um pouco inspirada nas palavras de Hopper (1987:142), já que a estrutura ou a regularidade de uma língua surge do discurso e é configurada pelo discurso, mas o discurso também é configurado pela estrutura ou regularidade da língua. Não se há de entender então a gramática como um pré-requisito do discurso, um bem anterior que se atribui de forma idêntica tanto ao falante quanto ao seu interlocutor. As formas linguísticas que estruturam o discurso não são padrões fixos, são componentes negociáveis na interação emissor/receptor a partir de escolhas que refletem as experiências vividas pelos falantes com essas formas linguísticas.

Essa conexão entre forma e função são elementos que realmente precisam ser analisados em consonância e não de forma isolada, já que revelam uma análise funcional sem desconsiderar o sistema da língua. Pensar nos aspectos discursivos é pensar que eles se materializam na língua, e, portanto, os aspectos formais e funcionais se imbricam nas realizações textuais, uma vez que escolhas sintáticas e lexicais servem a propósitos discursivos.

Os estudos sobre gramaticalização são vastos e podem referir-se a naturezas distintas. A linguística sistêmico-funcional criada por Halliday e seguida por outros teóricos contribuiu muito para um estudo baseado no uso e nas funções modificáveis por conta das pressões discursivas e, dessa forma, conseguiremos compreender por que certos conectores ainda guardam funções adverbiais, ou seja, ainda não estão plenamente gramaticalizados.





Certamente para quem estuda os aspectos da língua sob essa ótica está disposto a reconhecer que o sistema está em constante mudança e que as alterações caminham para que certos itens lexicais passem a funcionar como itens gramaticais. Isso quer dizer que tais itens passam a assumir funções prototípicas “cujas propriedades cuidam de organizar, no discurso, os elementos de conteúdo, por ligarem palavras, orações e partes do texto, marcando estratégias interativas na codificação de noções como tempo, aspecto, modo, modalidade etc “ (GONÇALVES ET AL. 2007:17). Por essas propriedades, o estudo sobre os conectivos neste presente trabalho visa analisar como certos itens lexicais, partindo de uma avaliação pancrônica (porque ocorre tanto na história da língua como atualmente também), passaram/passam a funcionar no português contemporâneo como elementos de ligação no discurso e com certos valores.

Para os linguistas que trabalham com gramaticalização, uma definição bem clara para classificar o fenômeno está no livro *Introdução à Gramaticalização* (GONÇALVES; LIMA-HERNANDES; CASSEB-GALVÃO, 2007: 17):

Com o objetivo de tornar a exposição didática, é suficiente, por ora, entender a gramaticalização como as alterações de propriedades sintáticas, semânticas e discursivo-pragmáticas de uma unidade linguística que promovem a alteração de seu estatuto categorial.

Essa noção comporta a ideia de que uma palavra autônoma na língua (pertencente à categoria dos nomes, verbos...) pode passar a funcionar como elemento gramatical (preposições, conjunções...). Ou mesmo um elemento já gramatical passa a ser mais gramaticalizado ainda, decodificável em seu conteúdo semântico apenas por uma perspectiva textual.

De acordo com a postura funcionalista de Halliday, o sistema é constituído como escolha, ou seja, as estruturas linguísticas representam as escolhas promovidas pelos indivíduos. Isso é uma forma interessante de pensar a língua e sua utilização, porque as materialidades discursivas variarão porque os indivíduos sentiram necessidade de alterá-las por conta justamente de suas escolhas.

Dessa maneira, para a postura funcionalista, a noção de paradigma é importante para analisar os fatos da língua, pois reflete essa noção de escolha.

Nessa formulação de caráter mais restrito, a gramaticalização poderia, então, ser definida como um processo por meio do qual alguns elementos de conteúdo lexical se desenvolvem, no decorrer do tempo, e se tornam elementos gramaticais e, se gramaticais, passam a mais gramaticais ainda, apresentando-se mais previsíveis no que se diz respeito a seu uso (GONÇALVES; LIMA-HERNANDES; CASSEB-GALVÃO, 2007:22)





A partir dessa abordagem é possível reconhecer que essas modificações funcionais revelam que a língua está em constante alteração. O estudo da gramaticalização perpassa princípios teóricos importantes nessa passagem de uma função a outra. Os dois principais mecanismos defendidos por vários teóricos são: a metáfora (transferência de sentido) e a metonímia (reinterpretação induzida contextualmente). Muitos conectivos podem ser avaliados pelo princípio da gramaticalização e, assim, isso se configura como um valioso instrumento de análise sintático-semântica nos textos abordados nesse trabalho a fim de compreendermos melhor por uma ótica panorâmica como seus usos são significativos nos mais variados discursos.

Entender os percursos semânticos e as flutuações nos contextos de uso é possível também por conta do estudo da gramaticalização das conjunções. Não só os estudiosos do Funcionalismo em si tiveram interesse em pesquisar o percurso das conjunções. Said Ali (2001:166, §1098-1100), por exemplo, comenta que a maioria das conjunções da língua portuguesa é oriunda dos advérbios latinos:

Obscura é a origem de certas conjunções latinas; porém, a julgar por aquelas cujo histórico se conhece, a linguagem não teria criado vocábulos especiais para constituir a nova categoria. Serviram a este fim advérbios que, de modestos determinantes de um conceito único, se usaram como determinantes de toda uma sentença.

Da respeitável série de conjunções que faziam parte do idioma latino muito poucas passaram às línguas românicas. Em português existem e (*et*), ou (*aut*), nem (*nec*), quando, se (*si*), como (tem o sentido de *quum* e de *quomodo*, posto que pelas leis da fonética só se filie ao segundo desses vocábulos) e que, usada no latim vulgar. A substituição de *sed*, autem, por mais (depois *mas*), do advérbio *ma(g)is*, data do período pré-lusitano. (...) A falta das demais partículas suprem-se nas criações novas, isto é, advérbios, que se adaptaram ao papel de conjunção, assim como amplo emprego de que, simples ou combinado com preposições e com advérbios ou locuções de caráter adverbial (...)

Othon Moacir Garcia (2001: 43) também evidencia tal comentário aludindo a essa origem adverbial:

As adversativas (mas, porém, contudo, todavia, no entanto, entretanto) marcam oposição (às vezes com um matiz semântico de restrição ou de ressalva). Por serem etimologicamente advérbios - Traço muito esmaecido em mas e porém mas ainda vivo nas restantes -, as adversativas, como também as explicativas e as conclusivas, são menos gramaticalizadas, quer dizer menos despojadas de teor semântico, do que e, nem e ou. Sua função de conjunção é, aliás, fato relativamente recente na língua, fato de ocorrência posterior ao século XVIII. Ainda





hoje, os dicionários registram entretanto, (no) entanto e todavia como advérbios, embora lhes anotem igualmente a função de conjunções. (...)

Tais informações tornam-se importantes para que possamos compreender a flutuação posicional de certas conjunções que ainda não se gramaticalizaram, ou seja, não passaram a ter funções apenas textuais. Como um dos percursos da gramaticalização seria quando um termo passa de um [item lexical] > [item gramatical], ou seja, de um item lexical para um item gramatical, com valor aplicável apenas contextualmente.

Por isso, tenta-se comprovar que diversos elementos gramaticais passam a funcionar como conectivos em um percurso para se tornarem conjunção ou locução conjuntiva: uns com maior mobilidade sintática e outros já com menor possibilidade de flutuação nos discursos em que estão inseridos. Não quer dizer que somente as conjunções / locuções conjuntivas são conectores na língua, mas é verdade que esses elementos gramaticais são os que detêm essas funcionalidades coesiva e semântica como caracteres principais. É claro que poderão funcionar como conectivos advérbios e locuções adverbiais com função coesiva, além de preposições ou locuções prepositivas também com essa funcionalidade.

Conjunções, já plenamente gramaticalizadas, teriam normalmente posição mais fixa nos discursos, diferentemente das conjunções-advérbios (HENRIQUES, 2011b: 105) que possuem maior flutuação, porque esse deslocamento é respaldado pela funcionalidade dos advérbios, sua principal origem: “A diferença entre as ‘conjunções-conjunções’ e as ‘conjunções-advérbios’ reside na possibilidade que algumas têm de serem deslocadas na sua oração.”

Mesmo com essas perspectivas adotadas, não há garantia de certeza na classificação das conjunções propriamente ditas, entretanto certamente de um fator não se tem dúvida: funcionam como conectivos – encadeadores de sentenças de maior ou menor extensão – assim como alguns conectores que podem promover ligações coesivas e denotarem sentidos (valores) que vão além do lógico-semântico, mas que servem a propósitos discursivo-argumentativos, proposta maior deste trabalho.

Dentre os aspectos teóricos da gramaticalização que merecem relevo e que respaldam o aspecto semântico que se modifica com o tempo e com o uso está o aspecto metonímico. Essa fundamentação teórica de contiguidade possibilita reconhecer como as conjunções alteraram seu percurso semântico e agregaram outras funcionalidades. Por isso em “Introdução à Gramaticalização” (GONÇALVES; LINS–HERNANDES, CASSEB–GALVÃO, 2007: 93) afirma-se que:





(...) Há um consenso de que as alterações no significado são conduzidas por dois mecanismos complementares. Um deles é a metáfora, de natureza cognitiva, que consiste na projeção, em passos discretos, de significados de um domínio cognitivo mais concreto para um mais abstrato, e o outro é a metonímia, de natureza pragmática, que consiste na transição gradual e contínua de um significado a outro, por meio da reinterpretação contextual.

Adotaremos também neste trabalho a nomenclatura “elementos conectores / expressões conectoras”, isso abarcará uma quantidade considerável de elementos e expressões que possuem essa função coesiva e que servem a propósitos argumentativos. Isso é claro sem deixar de mencionar que esses elementos ou expressões são conectivos (definição tradicional) e que comportam, conforme já dissemos, certas classes de palavras: conjunções / locuções conjuntivas, preposições / locuções prepositivas e advérbios / locuções adverbiais. Assim, serão reveladores de sentido e dependendo de suas características sintáticas exercerão funcionalidades importantes nos textos analisados.

## **2. Gramaticalização, etimologia e funcionalidade dos conectivos**

Analisaremos, neste trabalho, alguns textos para evidenciar as aplicabilidades discursivas e os valores semânticos opositivos de elementos conectores que sejam representativos. Pensaremos nos fenômenos que caracterizam a gramaticalização, mas daremos um enfoque maior ao critério semântico, além de falarmos também sobre a etimologia de certos elementos conectores.

Dentre os textos científicos pesquisados para explorar as funcionalidades gramaticais dos conectores, iremos nos deter nas análises de alguns pesquisadores que fizeram diversas considerações importantes com o objetivo de analisar o percurso histórico, bem como as comparações com o português contemporâneo. Said Ali, Martelotta, Ismael de Lima Coutinho, Therezinha Barreto são alguns dos autores estudados, além do dicionário Houaiss (versão eletrônica 1.0, 2001), cujos embasamentos solidificam as análises deste trabalho.

Ao pensarmos em gramaticalização, invariavelmente pensamos em uma perspectiva panorâmica, ou seja, aquela que dá conta das explicações sobre a evolução da língua por uma visão diacrônica em confronto com os usos atuais (sincrônicos). A comparação tentará dar conta de uma abordagem mais complexa para podermos reconhecer as peculiaridades sintáticas e principalmente semânticas. Iremos nos valer







desses conhecimentos pancrônicos em seus usos para analisar textos argumentativos contemporâneos que é a proposta de análise de corpus deste trabalho. Isso é respaldado pela visão de Martelotta (VOTRE; CEZÁRIO; MARTELOTTA; org, 2004:83) que vê na gramaticalização uma forma de direcionamento para a possível transformação em operador argumentativo: “...consideramos, em termos prototípicos, que gramaticalização leva o item a funcionar como operador argumentativo, assumindo funções referentes à organização interna do texto.” Essa designação (operadores argumentativos) foi cunhada por Oswald Ducrot (1972, 1987), criador da Semântica Argumentativa, para mostrar como certos elementos do discurso podem revelar força argumentativa.

Koch (2002:102-103) descreve a funcionalidade de termos que podem operar argumentativamente em um texto:

Ora, existe na gramática de cada língua uma série de morfemas responsáveis exatamente por esse tipo de relação que funciona como **operadores argumentativos ou discursivos**. É importante salientar que se trata, em alguns casos, de morfemas que a gramática tradicional considera como elementos meramente relacionais – **conectivos**, como **mas, porém, embora, já que, pois** etc., e, em outros, justamente de vocábulos que, segundo a N.G.B., não se enquadram em nenhuma das dez classes gramaticais. Rocha Lima chama-as de **palavras denotativas** e Bechara de **denotadores de inclusão** (até, mesmo, também, inclusive); de **exclusão** (só, somente, apenas, senão etc); de **retificação** (aliás, ou melhor, isto é); de **situação** (afinal, então etc)...

É importante deixar claro que falaremos aqui desses operadores a partir de elementos conectores sem propriamente analisarmos somente as conjunções/locuções conjuntivas (itens prototípicos que desempenham essa função), mas também advérbios/locuções adverbiais e preposições/locuções prepositivas com clara função argumentativa. Martelotta (2004:84) atenta para a natureza dos operadores argumentativos:

Aproveitando a natureza sintática do conceito de operador em linguística (DUBOIS ET ALII:1993), propomos que operadores argumentativos são elementos mais voltados para a organização textual. Seus usos apresentam maior regularidade, na medida em que seu ponto de partida, na grande maioria dos casos, se identifica com advérbios, que vão passando sucessivamente a apresentar novas funções de caráter gramatical. Essas novas funções gramaticais tendem a identificar partes do discurso já mencionadas (anafóricos) ou por mencionar (catafóricos) ou a ligar partes do discurso, atribuindo-lhes uma relação argumentativa (conjunções). (...)





Como já havíamos discutido, raras são as conjunções em Português que foram oriundas das conjunções latinas. Ismael de Lima Coutinho (1970:269) também aborda esse assunto:

Ao contrário das preposições, poucas foram as conjunções que o português herdou do latim. Para suprir tal deficiência, recorreu a língua às outras classes de palavras, sobretudo aos advérbios e às preposições, dando-lhes função conjuncional: todavia, também, para que, depois que, etc.

| 31

Essa avaliação feita por Coutinho em sua Gramática Histórica mostra como a língua modifica-se e, por necessidades de uso, outros termos gramaticalizaram-se em conjunções / locuções conjuntivas. Veremos em outra oportunidade que muitos ainda não estão plenamente gramaticalizados, mas funcionam como elementos conectores.

Alguns fatores que explicam o fenômeno de gramaticalização merecem explicação:

1- A recategorização consiste na passagem de um item lexical para um item cada vez mais gramatical (ou seja, mais textual) como, por exemplo, na disposição abaixo:

Nome > advérbio > conjunção

2- A semanticização consiste na mudança de conteúdo semântico. Segundo alguns teóricos, a semanticização pode ser feita por metáfora (de algo normalmente mais concreto para algo mais abstrato) como no esquema: Lugar > tempo > conclusão; ou por metonímia (uma entidade que substitui outra). (GONÇALVES; LINS-HERNANDES, CASSEB-GALVÃO; org; 2007: 46)

3- Sintaticização – representa uma reanálise de estrutura com reinterpretação de elementos como, por exemplo, a abordagem feita por Therezinha Barreto (1999): Expressão **por + que** (prep. + pron. relativo) reanalisada como **porque** (conjunção)

É nessa esteira de análises que os eixos semânticos possuem conectores mais utilizados e que merecem destaque em nossas abordagens. Será evidente que nos deteremos principalmente nas conjunções/locuções conjuntivas, sem, no entanto, deixar de lado algumas locuções adverbiais que funcionam como operadores argumentativos, bem como as prepositivas / locuções prepositivas com o mesmo efeito. Ainda que as preposições em língua portuguesa sejam normalmente oriundas do latim e sua gramaticalização do ponto de vista etimológico dispense maiores comentários, falaremos de algumas para ilustrar suas funcionalidades discursivas como conectores e operadores







argumentativos. Isso também vale para alguns advérbios / locuções adverbiais que mantiverem analogia com o latim. Interessa-nos aqui levantar não só os aspectos linguísticos dos termos que passaram pela gramaticalização, fator esse que promoveu alterações ao longo do seu processo evolutivo, mas também as funcionalidades dos conectores, além de nos posicionarmos sobre a natureza classificatória dos elementos conectores aqui abordados, isto é, se já são conjunções / locuções conjuntivas ou se estão ainda em processo de gramaticalização.

Além dos processos que correspondem à gramaticalização, também vamos nos ater à etimologia de certos conectores com a intenção de mostrar seus valores da história da língua e, assim, reconheceremos se mantêm seus sentidos no Português contemporâneo.

É importante falar de antemão que os conectores para descrição foram escolhidos, ou porque são muito frequentes nas listas dos especialistas que se debruçam sobre o estudo dos elementos conectores, ou porque não costumam ser analisados como tal, mas representam importantes funcionalidades textuais e, portanto, merecem destaque. Esperamos que essas descrições possam explicar como os elementos conectores são constituídos em seus mais variados sentidos. Outro aspecto também a ser considerado é que a análise desses elementos, seja pelo princípio da gramaticalização, seja por seu parâmetro etimológico, representará uma importante discussão sobre suas funcionalidades para a descrição da língua portuguesa.

### 3. Eixo causativo-consecutivo

Em nossa análise, abordaremos o eixo causativo-consecutivo. É importante frisar que descreveremos *elementos conectores* que participam da relação de causalidade além dos prototípicos conectivos de causa e consequência (*porque, já que, pois, que...*). Por essa perspectiva, exemplificaremos a funcionalidade dos termos com valor conclusivo, final e temporal (*portanto, por isso, a fim de (que) / para (que), quando...*) que também, sob nossa perspectiva, participam dessa relação. Para isso, mostraremos as perspectivas diacrônicas, os processos de gramaticalização por que passaram, e suas aplicabilidades discursivas na língua portuguesa.





### 3.1. Porque / Por

O Conector *porque* pode funcionar como causal ou como explicativo, sabendo que, com o segundo valor, pode representar uma relação de consequência. Esse elemento de conexão possui a seguinte evolução: preposição POR + QUE . Isso revela que é formado por um processo de composição e que sofreu reanálise do uso de preposição POR com o relativo QUE, o que resultou na conjunção PORQUE. Segundo Barreto (1999), essa conjunção ocorre no português desde o século XIII e inicialmente possuía muito mais um valor de por que (motivo), pelo qual/pela qual.

Barreto (1999) ainda afirma que:

Na realidade as conjunções de subordinação são consideradas advérbios de diversos tipos (**já, quando, como, ainda**, etc) ou pronomes relativos, (**que**, principalmente) combinados ou não com uma preposição ou um advérbio (**porque, para que, assim que**, etc).

Isso quer dizer que tanto a conjunção *porque* como outras podem ser formadas por preposição ou advérbio mais o conector que formando uma composição reanalisada em conjunção ou locução conjuntiva.

É importante chamar a atenção para a própria preposição POR, que pode revelar valor causal e iniciar adjunto adverbial simples ou oracional (oração subordinada adverbial reduzida de infinitivo) com esse valor semântico.

### 3.2. Assim (que)

O termo *assim* pode funcionar como operador argumentativo e também como elemento conector. O dicionário Houaiss (versão eletrônica 1.0:2001) mostra como sua classificação como conjunção conclusiva é um emprego comum na língua portuguesa:

conjunção (1273)  
conjunção conclusiva  
deste modo, portanto, assim sendo  
Ex.: você não pode engordar, assim não deve comer demais

A junção de sua forma adverbial com a conjunção *que* formou a locução conjuntiva *assim que*, normalmente de valor temporal, e pode fazer parte do eixo causativo-consecutivo. Sobre a evolução etimológica de *assim*, o dicionário em questão a descreve da seguinte forma: “lat. ad (prep.) 'direção, movimento, aproximação etc.' +





síc (adv.) 'assim, deste modo', através da f. arcaica assi; f.1192 adsi adv., 1273 assj como, sXIII asi, sXIII asse, sXIII ssi, sXV assim adv. e conj.”

### 3.3. Já que

A locução conjuntiva *já que* foi formada, segundo Barreto (1999), em sua tese de Doutorado, da seguinte forma:

A forma **já** ~ **ya** provém do advérbio latino **jam** ‘agora’, ‘já’, ‘breve’ que funcionava também como conjunção coordenativa aditiva, com o valor de ‘a mais’. A passagem do advérbio **jam** à conjunção **já que** explica-se, mais uma vez, por um processo de reanálise ou reinterpretção em que o advérbio se desloca de uma sentença para a outra, dando origem a uma sintaticização e, conseqüentemente, a uma semanticização. Assim, o advérbio **já**, inicialmente membro de uma sentença, seguido da conjunção **que**, causal, que inicia a sentença seguinte, passa a ser interpretado como elemento constituinte da sentença subordinada...

Esse processo de gramaticalização revela que o teor de temporalidade pertencente ao advérbio *já*, perde-se ao formar a locução conjuntiva. Por isso, ao avaliar esse processo de gramaticalização, a pesquisadora diz:

Ao associar-se à conjunção **que**, com valor semântico causal, o advérbio **já** perde a sua carga semântica de origem, assimila, por um processo metonímico, o valor causal da conjunção e, juntamente com ela, passa a expressar a relação de causa.

Essa semanticização de valor fica evidente no Português contemporâneo e prova também que a locução conjuntiva está mais gramaticalizada que outras, porque possui menos mobilidade sintática. Normalmente sua posição fica fixa à direita da frase. Esse fato é mais comum no que se refere aos conectores causais. Diferentemente ocorre com vários adversativos ou conclusivos, por exemplo, cuja mobilidade sintática é bem mais visível.

### 3.4. Pois

Segundo o Houaiss (versão eletrônica 1.0:2001), a origem desse termo é controversa:





orig.contrv.; do lat. post 'atrás, após, em seguida', segundo JM, Nascentes e AGC, embora esses autores ressaltem que o -i- seja de difícil explicação; AGC ainda acrescenta a possibilidade de ser der. do lat. \*posti, de postius, simplificação de postèa 'depois, em seguida'; cp. após e depois; f.hist. sXIII pois, sXIII poys

Percebemos que o AGC (Dicionário Etimológico do Português Medieval de Antônio G. da Cunha) ainda vai além em sua análise etimológica, mas partilha com outras referências etimológicas os valores semânticos. No português contemporâneo, como conjunção, assume normalmente funcionalidade de coordenativa explicativa ou conclusiva, além de ser subordinativa causal.

### 3.5. Que

A conjunção *que* possui diversas funcionalidades e, com isso, sua maleabilidade semântica certamente acompanha os diferentes empregos. Pode ser classificada como coordenada explicativa, conjunção integrante (reveladora de sentido afirmativo) e também como subordinada adverbial (consecutiva, comparativa). Gramaticalizada, só ocorre à direita nos discursos, não podendo assim, como conjunção, ser iniciadora de frase. É a base para a existência do que chamamos de locução conjuntiva, que recebe tal classificação porque possui, em sua forma linguística, a presença da conjunção *que*.

O dicionário Houaiss (versão eletrônica 1.0:2001) aborda a evolução desse conector chamando a atenção justamente para o processo de gramaticalização:

lat. quid, neutro sing. do pron. interrogativo quis, quae,quid; as conjunções latinas praticamente não entraram no português, no âmbito das subordinativas; o que, pron.rel., dado seu papel de conector subordinativo em orações adjetivas, foi pouco a pouco estendendo esta propriedade conectiva às demais orações subordinadas, quer às substantivas como conj. integrante, quer às adverbiais; no caso destas, ger. ocorre em loc. do tipo logo que, posto que, sempre que etc

### 3.6. Visto que

Locução conjuntiva de base causal. Junção da preposição acidental visto (com valor causal e descrita no dicionário Houaiss) + conjunção *que*.

Seu percurso etimológico e algumas de suas funcionalidades são justamente descritas pelo dicionário:

#### Preposição:





7 por causa de, em razão de  
Ex.: engordou demais, visto não ter seguido a dieta prescrita

**Locuções:**

visto que  
dado que, já que, uma vez que, porquanto  
Ex.: <visto que ele está doente, não irá à festa> <não comprou a casa, visto que não tinha dinheiro suficiente>

**Etimologia:**

part.pas. do lat. vidēre 'ver': a f. visto pressupõe \*visitu (de visère 'ver, examinar, contemplar'), o qual substituiu visu (de vidēre 'ver'); ver vid-; f.hist. sXIII uistos, 1365 visto, sXIV viso, sXV vysto  
HOUAISS (versão eletrônica 1.0: 2001)

### 3.7. Logo

O conector *logo* pode ser classificado no eixo causativo-consecutivo, pois com o valor semântico de conclusão ele se circunscreve na categoria de consequência.

A origem é do termo latino *locus*, com sentido espacial, que passa para o valor temporal no processo espaço > tempo > texto. O percurso provém do substantivo (dado espacial) que deriva para o advérbio (dado temporal) e acaba por designar o valor conclusivo / consecutivo da conjunção (dado textual). Percebe-se hoje, então, uma funcionalidade textual como conector, embora ainda exista o advérbio com seu respectivo valor temporal. Na função textual ele se presta a uma menor mobilidade sintática e, por isso, pode ser avaliado pelo prisma “elemento conector”, em nosso caso como operador argumentativo.

Quanto aos valores conclusão/consequência, Othon M. Garcia (2001:44) já havia atentado para o fato:

As conclusivas (*logo*, *pois*, *portanto*) entrosam orações de tal modo que aquilo que se afirma na segunda é consequência ou conclusão (resultado, efeito) do que se trata na primeira: “Penso, *logo* existo”. “Ouviste a advertência; trata, *portanto* (ou *pois*), de acautelar-te” (...)

No que se diz respeito à mobilidade sintática, nas funções existentes no português contemporâneo, podemos notar as diferenças nos exemplos abaixo:

- Produza *logo* a atividade. (advérbio)
- *Logo*, *logo* ela chegará. (advérbio)
- Ela chegará *logo*. (advérbio)
- Batalhou bastante, *logo* obtive êxito. (conjunção)





Não é demais lembrar que o termo *logo* em português associou-se à conjunção que de valor temporal formando a locução conjuntiva *logo que*, essa também com menor mobilidade sintática, gramaticalizada que está na função textual como locução conjuntiva.

Barreto (1999) comenta esse processo evolutivo, fazendo menção à categoria semântica:

De acordo com a proposta de Heine et alli (1991), as formas associam-se a novos significados, progressivamente mais abstratos, partindo da noção de espaço, podendo ou não passar pela noção de tempo e desembocando na categoria mais abstrata de texto, conforme o esquema seguinte, como já foi visto anteriormente: ESPAÇO > (TEMPO) > TEXTO O percurso empreendido pelo substantivo latino **locu-**, até chegar à conjunção temporal **logo que** mostra, claramente, a passagem da noção de espaço à de tempo. Quanto à conjunção conclusiva **logo**, pode-se admitir ser também fruto da reanálise de sentenças, contendo o advérbio em posição inicial. A conjunção conclusiva, embora mais esvaziada do sentido temporal, conserva, mesmo estabelecendo uma relação de conclusão, resquícios da noção de tempo (...)

### 3.8. Portanto

Segundo o Houaiss (versão eletrônica 1.0: 2001), o conector conclusivo portanto (valor de consequência) possui a seguinte fonte etimológica: "prep. por + adj. tanto; f.hist. sXIV portanto, sXIV *portãto*, sXV por tanto". Por sua formação, podemos analisar que a gramaticalização com valor conclusivo fez-se por uma semanticização, ou seja, uma reinterpretação dos elementos que compõem o conector, fruto da preposição por (lat. *tar. por* < prep. lat. *pro* <p. fora>) associada ao pronome tanto (lat. *tántus, a, um* 'tão grande', us. tb. com o sentido de 'tão numeroso').

Barreto (1999), especialista no estudo da gramaticalização de conjunções, novamente faz considerações importantes sobre o assunto:

É interessante observar que **portanto** e **porquanto**, constituídos da associação da preposição **por** com pronomes indefinidos que possuíam, inicialmente, o mesmo conteúdo semântico 'por isso', experimentaram processos de sintaticização diversos, passando a expressar, respectivamente, relações de conclusão e de causa e a terem comportamentos sintáticos distintos. Enquanto **portanto**, como um conector conclusivo, só pode preceder a oração consequente, não permitindo qualquer inversão das orações do período, **porquanto**, como conector causal, permite a inversão do período e pode ocupar a posição inicial.







### 3.9. Para (que)

Os elementos gramaticais que compõem o valor de finalidade circunscrevem-se na relação de causa-efeito, porque o valor "final" se refere a uma consequência (efeito) pretendida. O princípio de gramaticalização explica que o uso de certos termos em determinados contextos pode mudar sua funcionalidade. Com o uso da locução conjuntiva para que não foi diferente, pois, conforme explica Said Ali (2001:167, §1106), como muitas orações eram iniciadas por preposição, não demorou para elas virem associadas à conjunção *que*, formando assim locução conjuntiva.

Se equivalia a substantivo, a oração subordinada podia, como o nome propriamente dito ser regida de preposição. Isto se verifica quanto a *de*, a *a*, a *com*, que regem a oração inteira. Nas mesmas condições se acharam a princípio *por* e *pera* (*para*); não tardaram porém a combinar-se com *que* nascendo desta união conjunções de causa e fim.

Não podemos deixar de notar que a preposição *para* carrega o valor de finalidade em alguns contextos, daí a noção de finalidade em orações reduzidas de infinitivo, ressaltando a importância do reconhecimento do valor desse operador argumentativo.

### 3.10. A fim de / a fim de que

A locução prepositiva *a fim de* (preposição+ substantivo+ preposição) e a locução conjuntiva *a fim de que* (preposição + substantivo + preposição + conjunção), ambas com valor de finalidade são muito utilizadas no português padrão. Sua gramaticalização possibilita visualizar que evoluiu de um termo mais concreto (categoria dos nomes) para um termo menos concreto (categoria dos conectores), ou seja, de um aspecto menos gramatical para um mais gramatical.

Novamente, como locução prepositiva ou como locução conjuntiva, sua funcionalidade como operador argumentativo é o que importa para reconhecermos seu uso como uma expressão conectora importante nos textos.

### 3.11. De modo que

Outra locução conjuntiva de importância no português contemporâneo. Formada a partir de um princípio formador de gramaticalização em que muitas locuções dessa natureza foram formadas de prep. + nome. + conj. Diversas outras seguem o mesmo processo formador: *à medida que*, *à proporção que*, *de forma que*, *de maneira que*, *de sorte que*...





Em nossa análise reconhecemos a presença da locução conjuntiva *de modo que* circunscrita com valor de finalidade, portanto estabelecida no eixo causativo-consecutivo, demonstrando o efeito pretendido no enunciado.

Azeredo (2011:309) já havia descrito tal locução com valor de conclusão, portanto também com valor de efeito, só que com verbo no indicativo:

**De modo que, de sorte que, de maneira que, daí que**

Estes conectivos são de coordenação, quando, anunciado um efeito ou conclusão do fato anterior, introduzem uma oração com verbo no modo indicativo. (...)

Entretanto, reconhecemos também que seu uso com verbo no subjuntivo pode abarcar outro valor, notadamente de finalidade. Em um critério de uso legitimado com esse sentido justamente com o modo verbal em questão.

Os exemplos abaixo evidenciam essa diferença:

- A prefeitura daquele município não realizou as obras necessárias, **de modo que** as enchentes destruíram tudo pela frente. (valor conclusivo)
- A prefeitura daquele município precisa fazer as obras necessárias, **de modo que** as enchentes não destruam tudo pela frente. (valor de finalidade)

### 3.12. Quando

Tal conjunção merece relevo porque, embora seja a prototípica conjunção temporal, também pode ser circunscrita em outros processos operacionais com semânticas de outras naturezas. É comum, inclusive, que seja pertencente à perspectiva de causalidade, pois, pautada em uma noção de tempo, também pode relevar a noção de causa.

O dicionário Houaiss (versão eletrônica 1.0, 2001) fala de sua fonte etimológica: “lat. Quando adv. ‘em que tempo, quando’; conj. ‘visto que, já que’; f.hist. 1114 quando, sXIII quando conj., sXIV cãdo, sXIV coamdo adv.” Percebe-se que, por analogia às locuções conjuntivas *visto que / já que*, não há nenhum estranhamento em analisá-la no eixo causativo-consecutivo.

Em frase como “**Quando** o governo brasileiro se propuser a investir mais em educação, certamente melhoraremos em tecnologia.” É possível perceber que a noção temporal inerente à conjunção *quando*, na verdade, revela outro sentido frasal, já que o investimento é a causa (com base hipotética) e a melhora da tecnologia é o efeito. Por





conta dessa noção de hipótese, é possível analisar tal conector como condicional, mas isso não apaga a noção de causalidade.

### 3.13. Enquanto

Conjunção que pode assumir valores diversos nos mais variados cotextos: tempo, proporção, conformidade. Uma vez que está instituída na relação de tempo, também pode estar contida na relação de causalidade. Segundo o dicionário Houaiss (versão eletrônica 1.0:2001), sua etimologia se configura da seguinte forma: “comp. da prep. em + pron. quanto, do lat. *quantus, a, um* 'quão grande, quão numeroso'; ver quant-“

Sua forma composicional é, portanto: preposição + pronome e dessa relação justaposta, gramaticalizou-se por recategorização: Preposição + pronome > conjunção

### 3.14. Então

Conector que funciona como operador argumentativo. Sua formação histórica, segundo o dicionário Houaiss (versão eletrônica 1.0, 2001) constitui-se de: “comp. da prep. lat. in + adv. *tunc* 'naquele momento, então'; f.hist. sXIII *entom*, sXV então”

Sua funcionalidade textual permite reconhecer que é um advérbio discursivo que possui equivalência semântica com conjunção conclusiva, ou seja, pode funcionar como um conector, mas que não está ainda plenamente gramaticalizado como conjunção, principalmente por não guardar posição fixa na frase<sup>2</sup>.

### 3.15. Com

A preposição *com* é bastante produtiva na língua portuguesa e possui diversas empregabilidades semânticas. O dicionário Houaiss atenta para essas múltiplas funcionalidades:

- a) como conectivo principal, na formação de sintagmas prepositivos, pode ser empr.: com valor de entre ou para (ganhou fama c. os nordestinos; simpático c. os irmãos);
- b) como conectivo secundário, pode reger o substantivo principal da expressão (caridoso para c. os pobres);
- c) empr. em lugar do artigo (cumprir c. suas obrigações);
- d) empr. com certos verbos, pode acrescentar-lhes matizes de sentido, p.ex., ter alguém c. ele (estar acompanhado por alguém, ter o apoio de alguém); estar c. alguém (estar acompanhado de alguém, estar vivendo em concubinato com alguém, ser apoiante de alguém, simpatizar com ele);
- e) com valor adverbial, pode ser omitido: ao saberem das notícias,

<sup>2</sup> A pesquisadora Erotilde G. Pezatti discutiu no artigo “O advérbio *então* já se gramaticalizou como conjunção?” (2001) o fato de tal conector possuir equivalência com a conjunção conclusiva prototípica *logo*, mas ainda não ter completado seu processo de gramaticalização.





vieram a correr, (com) o espírito em fogo pela curiosidade; **f**) agrega-se como prefixo a outro vocábulo e torna visível o processo de gramaticalização na língua quando entra, p.ex., na formação de: contudo, conquanto; **g**) aglutina-se tb. com formas dos pronomes pessoais, referentes ao ablativo latino (comigo, contigo, consigo, conosco, convosco)  
Houaiss (versão eletrônica 1.0: 2001)

Em relação às potencialidades semânticas do termo em questão, o que nos chama a atenção é a possibilidade de ele ser empregado também com valor causal. Observemos, por exemplo, esse segmento do editorial “O instinto animal da fuga” (Veja, 12 de dezembro de 2012) em que a causa está evidenciada com a marca gramatical da preposição *com*:

- **“Com** tantos incentivos entregues sob medida, a presidente tinha a certeza de que despertaria nos empresários o "instinto animal", expressão do economista J.M.Keynes para definir a vocação de investir.” (grifo nosso)

### 3.16. Uma vez que

Locução conjuntiva normalmente com valor causal como nos apresenta o dicionário Houaiss (versão eletrônica 1.0: 2001): “uma v. que, dado que, visto que, como, já que. Ex.: uma vez que ele se curou, não precisa mais do médico”

Formada a partir de determinante (uma) + nome (vez) + conjunção (que), ou seja, uma locução conjuntiva de núcleo nominal tem sua análise feita por Barreto (1999) da seguinte forma:

Na conjunção **uma vez que**, o sentido inicial de **uma vez** era, pois, um sentido temporal de ‘certa ocasião’. Pode-se admitir, assim, ser a conjunção causal **uma vez que** fruto de uma reanálise isto é, da reinterpretação dos itens no período. A expressão **uma vez**, significando ‘certa ocasião’, ao ocupar a posição final numa sentença seguida de outra sentença iniciada pela conjunção causal **que**, foi reinterpretada como constituindo parte do item conjuncional. Nesse caso, **uma vez** perdeu o sentido temporal e assimilou, por um processo metonímico, o conteúdo semântico do **que**, formando com ele um só item conjuncional.





### 3.17. Por causa de

Locução prepositiva discursiva que funciona como operador argumentativo tem em sua formação: preposição (por) + nome (causa) + preposição (de). A etimologia do nome que compõe essa locução prepositiva colabora para seu sentido. Houaiss a descreve assim:

lat. *causa* ou *caussa,ae* 'razão, motivo, origem; jur caso; pretexto; questão, assunto, matéria; nexo, ligação; comissão, incumbência, encargo; vantagem, lucro', por via culta; divg. vulg. coisa/cousa; ver <sup>1</sup>caus-; f.hist. sXV *caussa*

Houaiss (versão eletrônica 1.0: 2001)

Como o valor se circunscreve com a noção de estabelecer o motivo de algo, é mais uma locução que se estabelece textualmente no eixo causativo-consecutivo.

## 4. Considerações finais:

Os estudos sobre gramaticalização, etimologia e funcionalidade dos conectivos serviu para fazermos um levantamento de diversos elementos conectores da língua portuguesa e reconhecer suas potencialidades semânticas, a partir do eixo causativo-consecutivo que nos propusemos discutir.

Esperamos que as análises feitas nesses estudos sirvam de embasamento para outras propostas descritivas e possam colocar em evidência, inclusive, uma abordagem mais produtiva no que se refere às conjunções/locuções conjuntivas, às preposições/locuções prepositivas e aos advérbios/locuções adverbiais. Assim, fica evidente como a diacronia é importante para os estudos linguísticos, porque coloca em evidência os princípios de mudança por que passa uma língua e ainda ajuda a compreender os empregos gramaticais sincronicamente.

## Referências

ALI, M. Said. *Gramática histórica da língua portuguesa*. Brasília: Melhoramentos; UnB, 2001.

\_\_\_\_\_. *Grammática secundária da língua portuguesa*. São Paulo: Companhia Melhoramentos. [20--]. 325 p.





AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. São Paulo: Publifolha, 2011.

\_\_\_\_\_. *Fundamentos de gramática do português*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

\_\_\_\_\_. *Iniciação à sintaxe do português*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

BARRETO, Therezinha Maria Mello. *Gramaticalização das conjunções na história do português*. 1999. 508 f. Dissertação (Doutorado em Letras) - Universidade da Bahia, Salvador, 1999.

BARROS, Clara; FONSECA, Joaquim (Org.). *A organização e o funcionamento dos discursos: estudos sobre o português*. Porto: Porto Editora, 1988. t.1.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.

BONFIM, Eneida. *Advérbios*. São Paulo: Editora Ática, 1988.

BORBA, Francisco da Silva. *Introdução aos estudos linguísticos*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967.

BRANDÃO, Cláudio. *Sintaxe clássica portuguesa*. Belo Horizonte: Imprensa da Universidade de Minas Gerais, 1963.

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite; LIMA-HERNANDES, Maria Célia; CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina; (Org.). *Introdução à gramaticalização*. São Paulo: Editora Parábola, 2007.

CHAVES, Charleston de Carvalho. *As funcionalidades dos conectivos em português: um estudo sintático-semântico*. Curitiba: Editora Appris, 2012.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática histórica*. 6. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1970.

DUCROT, Oswald. *O dizer e o dito*. São Paulo: Editora Pontes, 1987.

\_\_\_\_\_. *Princípios de semântica linguística (dizer e não dizer)*. São Paulo: Editora Cultrix, 1972.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Aurélio - século XXI: dicionário eletrônico - versão 3.0*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001.

HALLIDAY, Michael A. K. *Exploraciones sobre las funciones del lenguaje*. [S.l.]: Medica Y Tecnica Editorial, 1982







\_\_\_\_\_. As bases funcionais da linguagem. In: DASCAL, Marcelo (Org.). *Concepções gerais da linguagem*. São Paulo: Global Universitária, 1978. p.125-161.

\_\_\_\_\_; HASAN, R. *Cohesion in English*. London: Longman, 1976

HEINE et al. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

HENRIQUES, Claudio Cezar. *Estilística e discurso*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 2011a.

\_\_\_\_\_. *Sintaxe*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 2011b.

HOPPER, Paul J. Emergent grammar. *Berkeley Linguistics Society*, Berkeley, n. 13, p.139-157, 1987.

\_\_\_\_\_; TRAUGOTT, E.. *Grammaticalization*. 2nd. ed. Cambridge: University Press, 2003.

HOUAISS, Antônio. *Dicionário eletrônico: versão 1.0*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KOCH, Ingedore Villaça. *As tramas do texto*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008a.

\_\_\_\_\_. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto, 2008b.

\_\_\_\_\_. *Desvendando os segredos do texto*. 6. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2009.

MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). *Manual de linguística*. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

\_\_\_\_\_. **Operadores argumentativos e marcadores discursivos**. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo; VOTRE, Sebastião Josué; CEZÁRIO, Maria Moura (Org.). *Gramaticalização*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ, 2004.

\_\_\_\_\_ (Org.); OLIVEIRA, Mariangela Rios de; FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

PEZATTI, Erotilde Goreti (Org.). *Pesquisas em gramática funcional: descrição do português*. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

\_\_\_\_\_. O advérbio então já se gramaticalizou como conjunção? *Delta*, São Paulo, v.17, n.1, 2001.

